

# FOLHA DA JUCISTA

J. U. C. F.

Filiada na «PAX ROMANA»

## A VOZ DA IGREJA

Esta missão da Universidade, que aproxima os homens e os povos através da colaboração pacífica das inteligências, seria ineficaz se não fosse realizada por uma coordenação progressiva dos conhecimentos entre si.

Poder-se-ia acaso levar a cabo proveitosamente a comunhão dos espíritos fora da unidade da Verdade?

«Universidade observámo: Nós ainda não há muito, não significa apenas juxtaposição de faculdades estranhas umas às outras, mas síntese de todos os objectos do saber...»

E o progresso moderno, as especializações cada vez mais desenvolvidas, tornaram tal síntese mais necessária que nunca».

A bem dizer, tornaram-na também mais difícil e mais frágil, e a Universidade tem o dever de a preservar de dois escolhos opostos. O primeiro seria a indevida ingerência do Estado que, ultrapassando os seus direitos, pretendesse impôr ao ensino, para fins políticos ou ideológicos, a unidade factícia de uma filosofia arbitrária. Mas pelo contrário, a Universidade desempenharia mal a sua missão se se abandonasse ao pluralismo ou a um sincretismo superficial; no campo do conhecimento meramente natural compete-lhe superar a diversidade das disciplinas, dar incremento a uma sabedoria e formar a personalidade intelectual do estudante: que ela evite pois falhar na sua mais elevada missão, que é dar aos espíritos moços o respeito pela Verdade, e orientá-los no caminho da livre iniciativa indispensável à sua maturidade intelectual.

Missão delicada, feita de firmeza e discreção, para o desempenho da qual convidamos especialmente as nossas Universidades católicas, iluminadas na sua empresa pelos esplendores da fé; sòmente elas podem realizar o esforço de síntese até ao fecho da abóbada que terminará o edifício, porque «esta unidade só tenderá para a perfeição na medida em que ela se buscar em Deus, na caridade esclarecida pela ciência, segundo a verdade única do Evangelho, sob a direcção da Igreja una e santa».

Ao serviço da mocidade que estuda, semelhantes Universidades coroadas pelo ensino da filosofia cristã e da teologia, serão escolas de Verdade; e serão também mestras de vida, cristã, moral, cívica e social.

Que este congresso mundial seja, portanto, para os membros da PAX ROMANA ocasião de avivar a consciência das responsabilidades comuns numa hora grave da história; que ela constitua para todos os meios universitários o ponto de partida para uma colaboração mais fraterna, para intercâmbios mais proveitosos que permitam à Universidade desempenhar melhor no mundo a sua missão eminentemente humana e pacificadora à qual a Igreja dá tanto apreço.

É esse o voto que de todo o coração formulamos e, em penhor destes sentimentos, concedemo-vos assim como a todos os estudantes e intelectuais dos vossos dois Movimentos, a nossa paternal Bênção Apostólica.

(Do Discurso de S. S. Pio XII aos Congressistas do Canadá, 12-8-1952)

---

Põe um motivo sobrenatural no teu trabalho profissional ordinário, e terás santificado o trabalho.

---

Uma hora de estudo, para um apóstolo moderno, e uma hora de oração.

# Ao Serviço da Verdade



Severa na sua simplicidade esta divisa tornou-se para nós, mais exigente ainda ao terminar o I Congresso da Juventude Universitária Católica.

Estivemos presentes quando, no Ofertório de cada Missa, os nossos representantes apresentaram ao celebrante, o pão, o vinho e a vela — símbolos das nossas vidas prontas a consumirem-se em constante oferta ao Senhor. Estivemos presentes quando unindo-se a nós em desejo de renovação universitária, professores nossos declararam quais os princípios porque deve reger-se uma autêntica universidade e, conseqüentemente, a parte de responsabilidade que nos cabe na reconstrução desse grandioso edifício. Estivemos presentes quando se tornaram públicas as conclusões cuja leitura serviu de fecho aos actos oficiais do Congresso.

Falta agora que essa presença se torne em serviço da Igreja, que o mesmo é dizer «**serviço da Verdade**».

Para isso temos que forçar-nos a ir além de uma presença passada, de um consentimento preguiçoso, de um desejo passivo. Temos que renovar no Ofertório de cada Missa em que participaremos, a dádiva sincera, generosa, total da nossa vida de estudantes.

Temos que aprofundar e «**assumir**» em nós, na nossa equipa, na nossa Faculdade, esses princípios-base que queremos a fundamentar a Universidade Portuguesa. Temos que considerar as conclusões do Congresso, em todos os dias da nossa vida de universitárias, como um sério exame de consciência.

Até aqui talvez pudéssemos queixar-nos de falta de lume interior bem definido, de imprecisão nas directrizes vindas do exterior. Agora, francamente, só quem «**não quiser**», continuará a olhar sem sentido e sem valor a sua passagem pela Universidade. Só os fúteis continuarão a não compreender. Só os preguiçosos não encontrarão trabalho. Só os cobardes continuarão inertes.

Futilidade — Preguiça — Cobardia, será a divisa dos desertores. A nossa, a dos que deixaram a alma purificar-se e encher-se durante os dias do Congresso, só pode ser «**AO SERVIÇO DA VERDADE**».

Ao serviço da verdade na intransigência com o erro, a pieguice, a moleza do meio, cuja responsabilidade é, em grande parte, nossa. Ao serviço da verdade na aceitação corajosa da nossa qualidade de «**católicas na Universidade laica**».

Ao Serviço da Verdade, depois do I Congresso da Juventude Universitária Católica é pôr ponto final no nosso belo individualismo egoísta, nos hábitos de indiferença, crítica destrutiva ou convivência relativamente aos males que nos cercam; é unir-se a Cristo numa união efectiva e actuante; é aceitar plenamente a nossa vocação de Universitárias.

Fomos chamadas para a Universidade. Que responderemos ao Senhor, quotidianamente, na nossa vida de estudantes e de apóstolas?

# A propósito do Congresso

Jucista amiga:

Até mim chegam ainda ecos fortes do nosso Congresso! Passaram a correr aqueles quatro dias de Abril; todavia — facto estranho — eles marcaram e vincadamente, cada uma de nós. Ficámos diferentes! Sinto-o em mim e nos outros...

O Congresso foi um acontecimento notável, na vida da Igreja e na do país.

Demos testemunho de que havíamos compreendido o apelo do Chefe Supremo da Igreja que, nos últimos tempos, tem lembrado como é grave a crise do pensamento e como o «saber» constitui indeclinável dever para todo aquele que foi chamado a ser «cérebro», no complicado esquema da sociedade humana. Marcámos, de facto, uma presença — a presença no pensamento, ao serviço da Igreja.

Em todas as sessões, se pôde dar conta de quanto trabalho sério havia precedido aqueles quatro dias de Abril. Não se tratava de um sonho, mais ou menos architectado ao sabor das paixões; havia a alicerçá-lo uma preparação intensa de dois anos, preparação essa que, nem sempre, foi isenta de escolhos.

E, depois, Deus fez o milagre. É sempre assim... Quando damos «tudo», Ele transforma-o, sublima-o; e, muitas vezes, já não podemos reconhecer sequer o que julgávamos ser obra das nossas mãos tão gigantesco Ele o tornou.

O Congresso foi também um acontecimento notável, na Universidade Portuguesa; e, como tal, na vida da Nação, pois que esta reflecte a vida das suas Instituições. Quisemos fazer o estudo da Universidade portuguesa actual, ver-lhe as deficiências, estudá-las até ao fundo e sem nos determos em estática contemplação. A seriedade que todos os trabalhos patenteiam é prova evidente de toda a objectividade, que nos animava, de todo o ardor que havíamos posto na descoberta das melhores soluções.

E agora acabou o Congresso?

Com os últimos adeus aos que partiam — «É só até mais ver» — dir-se-ia que sim, que ele havia terminado; a verdade porém, é que só agora está a começar. Foi ponto de viragem, iniciamos agora nova fase.

Há deficiências que não dependem de nós, pois são vícios da própria Instituição — por estas podemos ter que esperar algum tempo; outras, todavia, não precisam de reformas para serem corrigidas, porque dependem fundamentalmente de nós mesmas.

Agora que as conhecemos já não há desculpa que atenuo o continuarmos a instalar-nos nas aulas, a fazer do estudo um meio cómodo de



conseguir, no futuro, maior desafogo económico, o continuarmos a aceitar todas as «pechas» que uma tradição mal compreendida vem cobrindo, com espessa capa, que quase esconde o mal.

Na Universidade, por razões que nem sempre nos garantem vocação para o estudo superior, nem por isso podemos invocar esse pretensão erro vocacional para desculpar o nosso desapego à vida universitária, com todos os seus problemas de cultura, de profissão, de ciência, do homem e da sociedade.

Seria incoerência da nossa parte e, de graves repercussões, que depois de termos traçado os princípios gerais, que devem orientar a Universidade na missão que lhe compete, fôssemos nós as primeiras a desertar, as primeiras a cavar o abismo entre o Ideal e o real.

Sim, digo-te «depois de termos traçado os princípios», porque não foram somente, os professores que leram as teses, ou os relatores das sessões parciais ou os que apresentaram comunicações que traçaram os princípios, eles foram a expressão de cada uma de nós que ao ouvirmos comunicá-los, mostramos estar de acordo e os aplaudimos e dissemos que os aceitávamos.

Aceitámo-los sem que desconhecêssemos as suas exigências; antes pelo contrário, conscientes da sua transcendência e, todavia, dispostas a vivê-los por sabermos que só assim poderíamos servir — a Igreja, a Universidade, a Nação e a comunidade supra-nacional.

Voltamos à vida universitária! Vasto campo de apostolado se abre à nossa volta, vasto campo de apostolado pela inteligência, pelo saber que é uma forma específica de se poder ser transmissor de Graças.

Mas, como podemos ser facto de luz, se temos em nós as trevas?

Responsabilidade tremenda caiu sobre os fariseus que conheciam as escrituras e não quiseram reconhecer o Salvador! Raça de hipócritas! Sepulcros caiados de branco!

Mais tarde ou mais cedo, surgirão as bases legais de uma reforma para a Universidade; mas hoje mesmo, uma reforma principiou, com o esforço que cada uma de nós vai fazer para se aproximar do modelo traçado.

Para umas, o Congresso foi um apresentar, de novo, do problema. É certo que já haviam sentido as deficiências da vida universitária, tinham mesmo muitas vezes criticado esta ou aquela aula, que não funcionava regularmente, um ou outro pormenor de organização do ensino, mas sempre, no plano restrito do seu interesse pessoal, e, sem se deter num exame sério das deficiências.

Para outras, o Congresso foi o pôr em comum estudos anteriores, o culminar de uma preparação que já vinha de trás.

Para umas e outras, o Congresso foi um profundo exame de consciência e simultaneamente uma confissão pública.

*(Continua na pág. 9)*

# Carta do Santo Padre

Vaticano, 9 de Abril 1953.

Excelência:

Na véspera do primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, masculina e feminina, de Portugal, o Soberano Pontífice compraz-se em responder ao vosso filial pedido dirigindo a todos esses queridos jovens reunidos em Lisboa os Seus votos paternais.

«O pensamento católico e a Universidade», tal será o tema dessa assembleia, que se realizará sob o patrocínio do episcopado português, com a participação de professores das três universidades do país. Uns após outros serão aí versados os múltiplos problemas que hoje põem à consciência dos estudantes a penetração e a irradiação da fé cristã em toda a sua vida.

Neste tempo pascal, em que a Igreja celebra a ressurreição do Salvador, garantia duma fé inquebrantável e princípio dum alento apostólico sempre novo, os jovens congressistas gostarão de reflectir, com lucidez e confiança, nas suas obrigações intelectuais, nos seus deveres morais, nas suas responsabilidades sociais. Não serão aliás guiados neste estudo pelas orientações que Sua Santidade há poucos meses dirigia dum modo particular aos membros do Congresso Internacional da Pax Romana?

O apostolado intelectual é difícil. Tanto como qualquer outro é estéril sem a graça haurida na oração e na frequência assídua dos sacramentos; mais que muitos outros, exige a autoridade duma competência pessoal, muitas vezes adquirida a preço de obscuras e pacientes fadigas. É tarefa das Organizações da Acção Católica Universitária preparar para a Igreja e para a Pátria tais apóstolos, cujo pensamento humilde e firme, se deixe prender apenas da verdade e cujo coração se abra largamente às necessidades espirituais e temporais de seus irmãos.

Confiando pois de todo o coração à maternal intercessão de Nossa Senhora de Fátima o futuro dos movimentos católicos da juventude académica portuguesa, o Santo Padre concede a Vossa Excelência e a todos os que participam neste primeiro Congresso Nacional uma paternalíssima Bênção Apostólica.

Queira aceitar, Excelência, a expressão dos meus mais devotados sentimentos em Nosso Senhor

J. B. MONTINI

Pró-Secr.

*(Dirigida ao Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro no começo do I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica).*

# «PAX ROMANA»



## Ecos de uma Campanha Internacional

Como estava previsto, realizou-se a Semana de Pax Romana em Portugal de 8 a 15 de Março.

Esta Campanha entre nós teve sobretudo um carácter de informação, atendendo a que a maior parte das Jucistas desconhecia quase completamente o Movimento de que fazia parte.

De Coimbra, embora ainda não tivéssemos recebido o relatório, a Delegada local, apressou-se a enviar-nos uma informação geral da Semana. Realizou-se na capela da Universidade uma Manhã Jucista pela Pax Romana; fizeram-se as reuniões de equipa nas Secções e houve uma Reunião Geral sobre o mesmo tema orientada pela Delegada Local. Todas as Jucistas se entusiasmaram pelo Movimento. A Direcção Local ofereceu uma Missa pelas intenções de Pax Romana. Obteve-se 14 assinaturas.

Com muita pena não podemos dar notícias da Semana no Porto, porque até à data não recebemos nenhuma informação.

Em Lisboa realizou-se uma sessão no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, presidida por Sua Ex.<sup>ma</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo de Mitilene e tendo usado da palavra o Jucista José Ascensão e o professor Engenheiro Luis de Almeida Alves do Instituto Superior Técnico. Durante a Semana afixaram-se cartazes, distribuíram-se os folhetos e em algumas secções venderam-se jornais da Pax Romana. Em Farmácia fez-se uma Reunião Geral. A secção de Ciências Económicas e Financeiras foi a única que até à data nos entregou o Relatório. Nesta secção JUC e JUCF, trabalharam em estreita colaboração. Cada Militante ofereceu num dia da Semana, a Missa pelas intenções de Pax Romana. JUC e JUCF rezaram semanalmente o terço em comum pelas mesmas intenções. Afixaram os cartazes, distribuíram os folhetos e venderam 7 jornais.

Pede-nos esta secção que continuemos a campanha através da Folha da Jucista e que demos lugar ao estudo de Pax Romana durante os cursos de Militantes. O seu pedido não será esquecido. Também deseja manter correspondência com outras Federações de Pax Romana.

Todas as jucistas que tenham o mesmo desejo enviem desde já o seu nome e morada para a Responsável Geral da Pax Romana: Maria Luísa Val do Rio, Vila Contreiras r/c, Rua da Bicesse, Estoril.

## O que nos diz...

...O jornal «Pax Romana»

«Purificar as suas intenções é uma exigência evangélica: a CATHASIS é necessária em todas as manifestações cristãs porque estas só pelo facto de serem cristãs ultrapassam as forças naturais e sobrelevam as tendências inatas do nosso ser. Uma tal violência — só os violentos entrarão no Reino de Deus — é-nos necessária em toda a manifestação cristã, porque o cristianismo não é natural e por consequência uma reunião católica não se deve basear sobre a comunidade de raça, de sangue, nem mesmo de um ideal concreto, mas na unidade mais profunda que se chama a Comunhão dos Santos.

«...É preciso, portanto, lembrar ao mundo que sempre que os católicos se reúnem com um objectivo qualquer ou por qualquer motivo, eles partem de um pressuposto ôntico muito mais importante do que qualquer outro: a fraternidade em uma mesma família, a comunidade em um mesmo corpo, e por consequência a unidade de coração e de espírito.» (por Dr. R. Paniker, em Reflexions sur les réunions internationales des Catholiques).

...O Sub-Secretariado de Medicina

— O TEMA DE ESTUDO DESTA ANO ocupa-se de «Universidade e estudos médicos», focando em especial o aspecto comunitário de acordo com o tema geral do estudo de Pax Romana — «Comunidade Universitária.»

— Na Grã-Bretanha, o «Comité Medical» da União dos Estudantes Católicos preparou uma brochura intitulada: «STUDY COURSE IN MEDICAL ETHIC» com o fim de esclarecer os estudantes de Medicina na sua preparação deontológica. A primeira parte expõe os princípios que orientam o estudo prático dos diferentes problemas. A segunda parte ocupa-se sucessivamente destes grandes problemas: Prevenção dos nascimentos (Birth prevention), aborto, inseminação artificial, baptismo, eutanásia, esterilização dos indivíduos, psicoterapia, psicocirurgia, dor, educação sexual.

Nenhum destes estudos é tratado de modo completo, mas apenas se põe uma série de questões que fornecem ao estudante uma lista precisa de centros de investigação. Encontram-se também algumas notas que esclarecem pontos delicados, assim como certas definições indispensáveis. O comité chama a atenção para duas revistas médicas — LINACRE e THE CATHOLIC MEDICAL QUARTERLY.



— Foi lançada a ideia de recolher medicamentos para os estudantes refugiados. Lembra-se aos estudantes que os medicamentos em questão, são do género: antibióticos, sulfamidas, antiparkinsonianos ...isto é, medicamentos de valor, que se podem conservar.

— O Sub-Secretariado resolveu organizar uma BIBLIOGRAFIA sobre os problemas da profissão encarados numa óptica cristã. O interesse de tal documentação não escapa aos que sabem quantos problemas se põem na vida profissional, aos quais o farmacêutico cristão deve trazer uma resposta cristã. Ora muitas vezes não se sabe a atitude a tomar por falta de informação. É bom que o estudante de Farmácia esteja esclarecido sobre estes problemas, antes mesmo de entrar na vida profissional; as referências que se reunirem na bibliografia projectada serão um meio de conhecimento teórico e de abordar o exercício da profissão melhor armado para viver como cristão e dar testemunho da sua fé. A fim de melhor realizar este trabalho e de oferecer uma documentação o mais completa possível, o Sub-Secretariado precisa de auxílio de todos os países. Eis porque pedimos a todos que procurem publicações, artigos, livros... publicados sobre qualquer assunto que se relacione com o objectivo da nossa bibliografia e nos façam chegar essas referências, ou, sendo possível, os próprios textos.

NOTA — Todas as referências podem ser remetidas à correspondente portuguesa do Sub-Secretariado de Farmácia: Maria Manuela Diniz de Carvalho — Praça Arriaga Peixoto, 7, r/c, 1.º — LISBOA

## A propósito do Congresso

(Continuação da pág. 5)

Já nada desculpa, volto a repetir-te, nada desculpa que cruzemos os braços, porque agora já não ignoramos completamente o Caminho.

Em tudo o que se disse não queiras ver o desenvolvimento lógico de um esquema previamente pensado; não pretendi fazê-lo.

«A boca fala do que está cheio o coração». Também eu fui escrevendo à medida que surgiram as ideias, num dia em que me decidi a pensar na tremenda responsabilidade assumida ao participar no Congresso, o primeiro da Juventude Universitária Católica.

Tua muito amiga n'Aquele que nos une.

# SERVIÇO BIBLIOGRÁFICO

## LIVROS QUE VALE A PENA LER

### «JOURNAL D'UN CURÉ DE CAMPAGNE» — *Georges Bernanos* —

Já se dobavam as últimas imagens do filme, e ainda sentíamos no peito, sem ter explodido, aquela angústia feita de mil angústias, aquela agonia que condensava em si todas as agonias humanas e que subia até nós, vinda do princípio do mundo. E só quando, murmuradas apenas, as palavras de libertação nos soaram aos ouvidos, se fez a Paz.

\* \* \*

Para aquelas que não tiveram a possibilidade de assistir à exibição, talvez única em Portugal, do filme de Robert Bresson, resta-lhe a leitura do romance em que Georges Bernanos nos faz participantes do sacrifício lento, pavorosamente lento, daquele homem desamparado de toda a consolação humana e até mesmo divina. Perderam em intensidade emocional, decerto menos de quanto vierem a ganhar em profundidade analítica.

Que nos contam essas páginas do diário de um jovem e humilde pároco rural? Afinal toda a história da sua vocação para o sofrimento: projectos de apostolado que se desmoronam, a incompreensão, o ódio mesmo, o desespero silencioso à beira do vácuo espiritual, e, ritmando-lhe os passos, a todo o instante, em cada linha, como a música de fundo que quase se esquece no desenrolar das cenas, mas que sobe ao primeiro plano sempre que se pretende sublinhar um momento de maior vibração, o drama físico. Mesquinho, quando comparado à provação moral. Enorme, à força de ser vulgar.

A figura do sacerdote enfermico, vítima sem culpa de uma tara hereditária, de

mãos vazias de bens materiais e de alma vazia também de consolações sensíveis, nos momentos mais cruéis da sua vida martirizada, contaminado de morte e apesar disso dispensador da Paz que nem sempre possui, milionário da graça cuja luz está para além das trevas das coisas exteriores, cujo calor não sente nas fibras do seu pobre coração humano, o seu anonimato mesmo, sugere-nos um símbolo: o símbolo da própria humanidade, igualmente poluída desde a mancha original, confrangedoramente só, incapaz por si mesma de um acto de amor, condenada ao insucesso, à dor, à morte, e no entanto susceptível de realizar prodígios, quando galvanizada pelo Espírito de Deus. Esse, «o milagre das mãos vazias», que nos confunde!

Não se julgue de leitura fácil o romance de Bernanos. Exige-nos, por vezes, um grande esforço de concentração, e, quem sabe? a exegese de certas passagens permanecerá ainda assim obscura: por isso mesmo «Journal d'un Curé de Campagne» merece a pena ser lido e meditado.

Mais do que obra-prima da literatura contemporânea, é um excelente livro de reflexão: notem-se especialmente os diálogos sobre Nossa Senhora, sobre o espírito de oração e sobre a pobreza, diálogos travados com o cura de Torcy, personagem duma riqueza psicológica muito maior do que aquela que nos é dada através do filme.

Houve quem se escandalizasse porque no nosso Congresso, quente de entusiasmos, penhor e promessa de apostolado fecundo, se tivesse tido diante dos olhos (e da alma também) a história triste de um «fracasso» aparente...

Mas na economia do sobrenatural, os fracassos aparentes quando «tudo é graça» não serão por vezes, o caminho seguro dos resultados mais fecundos?

# As Nossas Irmãs



## O QUE A J. E. C. F. ESPERA DA J. U. C. F.?

Sim, vou revelar-to, como à irmã mais velha com quem se conta sempre nos caminhos da vida...

Em duas palavras...

Aquelas de nós que somos «préjuicistas» ou que para um curso universitário nos preparamos, queremos que correspondas ao que de ti esperamos, nesse «mar de treva e luz» que é para nós a Universidade em que vives:

- Que saibas receber-nos, conquistar-nos desde a primeira hora, pela compreensão feita de não esquecidas experiências, pela amizade simples, pela camaradagem franca... (se tu falhases... se te não encontrássemos compreensiva e amiga, eu sei lá se seríamos capazes de aguentar o salto... se não falharíamos nós também...)
- Que saibas orientar-nos e acompanhar-nos em todas as revelações de meio, da vida, do pensamento universitário, ajudando-nos a descobrir e a realizar todas as Belezas do Curso que escolhemos, sem nos deixarmos deslumbrar por quimeras ou falsos brilhos...
- Que saibas aceitar e concretizar a capacidade de dedicação, a ânsia de apostolado que a JECF acendeu em nossas almas, mas que por timidez ou incompleta definição de personalidade, escondemos ainda em nós mesmas...
- Acima de tudo que em clima de individualismo, como é, por ventura o ambiente universitário, nos não deixes perder o *ideal de Serviço* que é o maior Bem que possuimos...
- E olha que está aqui o *mais íntimo segredo* que quero confiar ao teu coração de irmã; é o desafogar da minha *saudade jécista*, que não é *saudosismo*, mas *esperança*, a apoiar-se no teu auxílio.

Vivo, bem sabes, intensamente, a vida de milhares de escolares que, a meu lado, sobem para a vida.

Vivo a *dor* de todas aquelas que, à míngua de dirigentes, a JECF não consegue atingir...

Vivo os problemas prementes das adolescentes de todos os meios sociais (todas estão a meu lado, nas mesmas cadeiras escolares...) que os meus poucos anos, falta de cultura ou falta de maturidade, me não deixam dominar... resolver.

E por isso eu quero ir, junto de ti, *enriquecer-me, formar-me* e não apenas *diplomar-me*. Não te esqueças tu, JUCF amiga, que recebes os sonhos da minha mocidade ardente, que não é intelectualizar-me que pretendo mas *valorizar-me, esclarecer-me, disciplinar-me* no *pensamento e vontade*; *azer-me*, numa palavra, durante os anos do meu curso universitário, para regressar, como educadora talvez, como amiga sempre, junto da «idade difícil» ou da «idade ingrata» que, todavia, amo apaixonadamente.

E creio que é sobretudo isto que a JECF. pede à JUCF.:

Que, durante os Cursos Universitários, forme diplomadas 100% conscientes das suas responsabilidades... mulheres perfectas, personalidades definidas, apóstolas incansáveis, educadoras consumadas, que não apenas profissionais do ensino. E a JECF realizar-se-á porque encontrará as dirigentes de que precisa. Oferecer-te-á, em retorno, dentre o escol intelectual da mocidade feminina, os elementos que ambicionas:

Vocações universitárias em almas de apóstolas que, por sua vez, de geração em geração, ergam bem alto o teu facho.

Assim pede e espera a JECF.

## Métodos e Psicologia da Acção Católica :

— *Apostolado «no ar»* — Encontramo-nos perante um mal hereditário da actividade católica: a tendência para *trabalhar* (e não só para *pensar*) começando pelo fim; partir da teoria em lugar de partir da realidade. Não queremos evidentemente negar a supremacia das ideias, ou o princípio de que nada será levado a cabo se antes não tivermos compreendido. O erro está em pensar que uma compreensão meramente intelectual dos princípios, é *suficiente* para levar as pessoas à acção, ou para as habilitar a qualquer actividade concreta.

O apostolado é a aplicação concreta da doutrina de Cristo. Tal como o médico necessita de fazer um diagnóstico antes de aplicar ao doente o tratamento concreto, também o apóstolo deve fazer um diagnóstico do meio no qual vai exercer o seu apostolado.

Na nossa maneira de proceder com a população universitária, não podemos pô-la de malicio em guarda contra a tentação de «trabalhar no ar», com base em princípios meramente teóricos. Temos que perder o medo da realidade, que também é um dom de Deus. «*Contra facta non valent argumenta*»: a mais elementar tese não pode expor-se fora da realidade dos factos. Precisamos pois de conhecer as pessoas, as condições, os vícios e as virtudes do meio antes de pensar em reedificá-lo em Cristo.

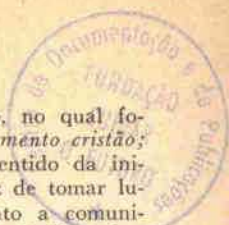
— *Experiência teórica não é apostolado* — É evidente que ninguém pode fazer um diagnóstico antes de, por meio de trabalho árduo, ter adquirido o conhecimento teórico da ciência médica. Sem um completo conhecimento das verdades do cristianismo, não pode haver verdadeiro apostolado. Contudo semelhante conhecimento teórico não é *suficiente* em si mesmo para constituir actividade apostólica. *Todos os conhecimentos*, dos estudantes de medicina, juntos não chegariam para curar um doente. A prática é *indispensável* para o traba-

lho. Mas é ineficaz perante a realidade se o conhecimento adquirido não for *aplicado em circunstâncias concretas*, e isto é impossível, sem um completo estudo das próprias circunstâncias.

— *Primeiro conhece — depois julga... e só então age* — É uma experiência psicológica, que, devido a uma teórica «atitude natural», temos muito menos conhecimento do nosso próprio meio, do que das condições predominantes num meio que visitamos de vez em quando.

O apóstolo tem de *aprender a tornar-se conhecedor* dos problemas do seu próprio meio. A sua actividade é naturalmente uma grande ajuda para o enriquecimento da sua experiência «*fabricando fit faber*». Mas a sua experiência tem de ser *metódicamente examinada* especialmente pela comparação com a de outros membros do grupo. Aqui vemos, como já nos estágios preparatórios, é importante *trabalhar em grupo*, e assim estabelecermos os fundamentos de um apostolado colectivo.

As reuniões preparatórias para o apostolado devem por conseguinte começar com uma *análise* do meio, baseada na experiência pessoal dos membros, e feitas com especial referência aos problemas concretos a serem resolvidos, por ex.: observação das normas morais dos estudantes, a sua atitude perante o estudo e os exames, formação profissional, vida religiosa, etc. Só quando o aspecto positivo e negativo da situação concreta forem convenientemente examinados é que a segunda fase pode ser atingida: o *juízo* das circunstâncias conhecidas, à luz dos princípios cristãos. Nesta segunda fase o papel do sacerdote é duplamente indispensável, se bem que este tenha já uma importante contribuição a dar ao princípio, velando porque a investigação do meio seja levada com o espírito de verdadeira caridade cristã e não degenera numa perigosa espécie de moral crítica.



O simples exame da situação concreta à luz dos princípios cristãos, trará aos apóstolos a conclusão de que *alguma coisa tem de ser feita*, no sentido de ligar o abismo estabelecido entre a realidade e o ideal. Devem ser dirigidos de maneira a que o entusiasmo apostólico não fique no ar: a «qualquer coisa» a fazer deve ser definida nos mais «concretos temas» possíveis. Cada um deve saber o que tem que fazer *pessoalmente* e aquilo por que é *responsável*. Fazemos notar uma coisa: *não tentem fazer tudo ao mesmo tempo*. O trabalho da renovação cristã é um trabalho de educação, e precisa de levar o seu tempo. *Tratar de todos os problemas ao mesmo tempo é a melhor maneira de não resolver nenhum.*

— *O melhor apóstolado: Serviço!* — O trabalho concreto no campo universitário pode agora começar. Queremos aqui chamar a atenção para o facto de que o *melhor apóstolado* consiste em prestar um *serviço concreto*. A actual geração tem pouca fé em delicados argumentos, suspeitando — e não sem razão — que eles são apenas uma capa para aparente propaganda. E contudo como pode ter importância um bom exemplo e a atitude colectiva do meio, air da que não seja a mesma coisa que uma forma *concreta de assistência*.

— *Quem é chamado para este apóstolado?* — Muito se podia dizer acerca das *características essenciais* para o trabalho apostólico: responsabilidade, realismo, espírito de sacrifício, sentido de missão: **APÓSTOLO — UM QUE É ENVIADO.**

Há pessoas cuja maneira de ser, as torna incapazes de atrair outras e formar à sua volta um círculo de influência. Nem todos são feitos para um apóstolado colectivo, o qual requer *qualidades para chefe*, pessoas que saiam para fora de si mesmas, que *não estejam sempre na defensiva*, que não pensem primeiro em si.

Isto aplica-se não só a apóstolos individuais mas também para a comunidade da Acção Católica. Esta precisa de *gente dinâmica*, com o necessário talento, a inclinação, e acima de tudo um sentido da responsabilidade que têm, em transmitir as riquezas da sua união

com Cristo, no seu meio, no qual foram chamados a ser o *fermento cristão*: gente com um perfeito sentido da iniciativa pessoal, mas capaz de tomar lugar num grupo, porquanto a comunidade, melhor do que o indivíduo, é o veículo para a influência apostólica.

— *O apóstolado — expressão da vida da graça* — Muitas pessoas com qualidades para chefes, estão expostas a *perigos especiais*. Têm portanto dupla necessidade, de uma inteira formação, não só no campo intelectual, mas acima de tudo do seu próprio carácter e da sua maneira de ser psicológica e pedagógica. São facilmente inclinadas a serem demasiado confiantes em si mesmas, a tornarem-se arrogantes. Mas estes defeitos podem ser corrigidos, e estas pessoas são instrumentos preciosos no trabalho da renovação cristã. São exactamente o oposto daquele género «religioso egoísta», que se vangloria dos seus conhecimentos teóricos, mas que é incapaz de dar um passo para ajudar o companheiro a voltar-se para a vida da graça.

O que a Igreja precisa é sobretudo, no completo sentido destas palavras, de *formar chefes apóstólicos*. No último re-  
torna-se ao mundo. *Um problema religioso*: quanto mais intimamente o apóstolo está unido a Cristo, vive n'Ele e da Sua graça, tanto mais rapidamente terá conhecimento dos perigos derivados da sua própria natureza e do seu trabalho, e prontamente também compreenderá que o que importa não é a actividade meramente exterior; nem é precisamente o *trabalho* apóstólico, mas o **SER APÓSTOLO.**

O apóstolo deve sê-lo nas 24 horas do dia, esboçando dentro de si a plenitude da graça divina, para dar valor e forma apóstólica a *todos os aspectos* da sua *vida normal*. O verdadeiro apóstolado é ser *superabundantiae gratiae*, uma superabundância da graça divina, a qual enche a alma e transborda à nossa volta, reproduzindo no nosso caminho a acção de Cristo, que remiu e santificou para sempre, todo o mundo.

(*Estudos da Pax Romana: Movimento Internacional de Estudantes Católicos.*)

# Notícias Jucistas

LISBOA — Março e Abril foram os meses das duas grandes datas deste ano para todas as universitárias católicas: a *Comunhão Pascal* e o *Congresso*.

A *Comunhão Pascal* foi, mais uma vez aquele dia de beleza sempre renovada e tão antiga, que nos reuniu na Sé Patriarcal, ao redor do Bispo, na celebração do Sacrifício da nossa aliança com o Pai — a todas as que lá estávamos e a todas as que não estávamos e nós ali assumíamos. Delegadas da J.C.F., da D. G. da JUCF, e de todas as secções, levaram ao Ofertório Solene a nossa doação inteira ao Senhor. Conosco estavam alguns Professores e Dirigentes Gerais e Diocesanos da JUC a representarem os nossos irmãos jucistas.

Na véspera da *Comunhão Pascal*, durante a tarde, fizemos uma das 3 *adorações* de preparação para o Congresso. Nessa ocasião *receberam emblema* as novas jucistas.

Este ano houve 2 *Cursos de aspirantes*, em parte a cargo de um Sacerdote, e em parte da Responsável diocesana.

Já antes da *Comunhão Pascal* acabara o *Curso de Filosofia*, este ano com uma frequência lamentavelmente mínima.

No sábado antes do Congresso foi a última das *adorações*. Esta foi extensiva a toda a JCF., que assim o pediu num dos Conselhos Diocesanos — exemplo admirável de cor unum! (e que dizer das reuniões dos outros O. E. começadas durante este ano, com a oração do Congresso?!); e precedida por uma reunião pela Lourdes Pintassilgo, ainda acerca do Congresso.

E não há mais notícias que não sejam *Congresso*. Conselhos, ensaios, reuniões gerais e de equipa, reuniões de grupos das que iam participar nas mesmas sessões parciais, trabalho da Secretaria, etc. Tudo aquilo que ajudou a fecundar o Congresso, e permitiu que já antes dele — ... e ainda não sabíamos nada!! — pudéssemos dizer que valera a pena! E nos dá aquele orgulho de podermos dizer que ele foi alicerçado na oração e no estudo!!

PORTO — *Comunhão Pascal* — A 15 de Março, na Sé Catedral, realizou-se a nossa *Comunhão Pascal* em que tomaram parte 700 universitárias. A Santa Missa foi celebrada por Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo. No final, em simpático ambiente de confraternização, foi servido nos claustros da Sé o pequeno almoço, oferta da JUC e JUCF a todos os universitários presentes.

*Recolecções* — Têm sido extraordinariamente concorridas este ano. Em número de três até esta data, têm vindo a realizar-se nos vários Lares de Universitárias da nossa cidade.

*Reuniões Gerais* — Foram elas em número de 6. A 1.<sup>a</sup> sobre o tema do Congresso, foi orientada pela M.<sup>a</sup> de Lourdes que esteve entre nós; a 2.<sup>a</sup> sobre a Verdade na Vida, coube à M.<sup>a</sup> de Jesus. Em todas as outras se fez uma preparação doutrinária imediata para o Congresso, tendo sido tratados os seguintes assuntos: «Vocação feminina e vocação intelectual» por M.<sup>a</sup> Clara; «Influência da Universidade na Mulher», pela Ivone, de Farmácia; «Papel da Mulher no Universo», pela Irene, de Medicina; e «Fins da Universidade», pela M.<sup>a</sup> do Céu, de Farmácia.

*Congresso* — Os 2 últimos meses que precederam a realização do nosso Congresso foram de intensa actividade. A sede da JUC foi invadida diariamente por um grupo numeroso de raparigas e rapazes para estudarem os problemas da Universidade na biblioteca que a JUC e JUCF puseram à sua disposição, para realizarem reuniões de estudo em equipa, para assistirem aos ensaios de cânticos e ainda tomarem parte nas 2 Missas que foram celebradas por intenção do Congresso.

A nossa vigília, preparação próxima de oração para o Congresso, foi realizada num ambiente de profundo recolhimento e piedade, tendo estado presente um número bastante elevado de Congressistas, pela noite adiante. Pela manhã foi celebrada a Santa Missa pelo nosso Rev. Assistente.

# AS REUNIÕES DE EQUIPA:



## I.ª Reunião:

I — Oração do Congresso — pela cristianização da vida da Universidade.

## II — Avisos.

## III — Ascensão (dia 14)

— *Meditações* — (Epístola, Act. Ap. I, 1-11).

«...Subiu ao céu, depois de ter dado pelo Espírito Santo, os preceitos aos apóstolos que elegeu e de, com muitas provas, se ter mostrado vivo, depois da sua paixão, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando-lhes do Reino de Deus».

— O Congresso — os quatro dias do Congresso — como manifestação sensível de Deus, nas graças que nos concedeu, na caridade que nos uniu e reuniu, nas ideias que Ele nos inspirou.

«Depois lhes ordenou que não saíssem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai.»

— Não sair de Jerusalém a cidade do sacrifício de Cristo e onde os apóstolos ficaram reunidos depois da sua morte. A cidade dos juízes de Cristo, dos algozes e da multidão desvairada.

Para nós, não sair de Jerusalém é permanecer no trabalho e no sacrifício que precedeu e acompanhou o Congresso, é permanecer entre os que sofrem ideias diferentes, talvez mesmo contra o Cristianismo, entre os que continuam a não se importar e lavam as mãos...

É permanecer presente no pensamento.

— Não sair de Jerusalém, a cidade do símbolo do céu e símbolo da Igreja, é permanecer unidos, dentro do pensamento da Igreja e fiéis a Ele.

É permanecer ao serviço da Igreja.

«Senhor, acaso estabeleceréis, nestes tempos o reino de Israel?».

— Senhor, quando se fará realidade o sonho da Universidade nova?

«Não é da vossa conta saber o tempo nem o momento que o Pai fixou, por seu poder recebereis, porém o Espírito Santo

que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e Samaria, e até às extremidades da terra».

## IV — Ainda o Congresso.

A — O Congresso é assim o ponto de partida para uma construção do futuro. Não podemos quedar-nos na contemplação cômoda do que se fez, comemorando mais uma data festiva no calendário e, ao mesmo tempo, voltarmos à apatia de que fomos arrancadas por uns dias.

O Congresso não marca o fecho de uma série de trabalhos; antes vem despertar-nos para a grande tarefa que hoje começa.

Poderia dizer-se que é neste momento em que o Congresso parece acabar que ele na realidade está principiando. Porque é neste momento que tomámos consciência total das nossas responsabilidades, que vimos claramente definido o perfil da Universidade, que publicamente nos damos conta de quanto há a fazer e nos cabe a nós realizar. Muito pouco teria conseguido o Congresso se daqui nos fôssemos complacentemente satisfeitos conosco porque todos os trabalhos decorreram bem e cada um de nós pôde dar livre vazão às mágoas que a vida universitária lhe trouxe.

O que podemos levar daqui, se somos conscientes da gravidade dos problemas e da urgência da sua resolução é uma imensa insatisfação, uma inquietação no corrente aferir da realidade com o panorama ideal que aqui se delineou.

Para muitos de nós foi o Congresso a mais tremenda revelação das insuficiências e das lacunas da nossa vida de universitárias; para outros foi uma total viragem de esquema e orientação de vida; para todos terá sido sem dúvida, revigoração da vocação universitária, alargamento de horizontes, descoberta de rumos novos. Por isso urge que compreendamos até às últimas exigências tudo o que se disse no Congresso. Não podemos ficar à espera de soluções ideais que nunca chegarão.

Nem tão pouco aceitar ingenuamente a esperança de que as dificuldades se resolvam por si mesmas. Ao afirmarmos que a Universidade está em crise quisemos dizer que a Universidade se alheou por completo do verdadeiro esquema dos fins que a definem para se reduzir a uma escola de técnicos de valor humano muito discutível, preterindo ou renegando as funções essenciais que lhe cabem de fazer ciência, criar e difundir cultura e promover o pleno desenvolvimento da personalidade intelectual dos universitários; quisemos dizer que não há autêntica vida comunicativa, de espírito corporativo, a única que pode assegurar a consecução dos fins que a Universidade se propõe realizar; quisemos dizer que a Universidade não prepara os universitários para a vida social, em verdadeiro espírito de serviço, fazendo-os descobrir as responsabilidades que lhes cabem, como chefes, na manutenção do bem comum e da construção da paz entre os povos e que a própria Universidade, como instituição e instituição dedicada à aquisição e revelação da verdade, não mantém no seio da sociedade o lugar que lhe compete de orientação ideológica; quisemos dizer que uma Universidade de que Deus está ausente não é plenamente Universidade porque lhe falta o poder alicerçado de todas as aquisições humanas e fonte da abstracção dos conhecimentos científicos ou filosóficos.

Mas não quisemos dizer apenas isto.

Se a Universidade é o conjunto mais comunicativo de professores e estudantes reunidos numa empresa comum, apontar erros à instituição universitária é reconhecer implicitamente que cada um de nós tem errado na sua vocação universitária.

E procurar uma solução para a crise da Universidade é procurar antes de mais solução para a crise de valor de cada um de nós.

Fácil é ao criticar a instituição universitária esquecer cada um de nós que é parte integrante da instituição, factor decisivo nos rumos que tomar. E por isso se ouve com tanta frequência pela Universidade a crítica acerba, negativa, que, informada do descontentamento que o ensino superior causa, não se atém aos elementos essenciais, às causas primeiras, da chamada «crise da Universidade». Perdido

o prestígio da Universidade na educação das elites, na orientação ideológica da vida social, na construção da ciência, na resolução dos grandes problemas nacionais, o que se lhe pede como instituição não anda muito longe das atribuições de uma associação cultural ou de divulgação, de uma organização desportiva ou de previdência-social.

Enquanto o estudante não pedir à Universidade aquilo que *fundamentalmente e essencialmente* ela tem o dever de lhe dar poucos teremos adiantado na realização da missão da Universidade.

Mas não pode o estudante limitar-se a pedir e a receber o que a Universidade lhe quiser dar; ele tem de dar também. Se o estudante é realmente um elemento essencial na vida corporativa da Universidade ele tem aí certamente um papel importantíssimo a desempenhar.

Necessita de exemplos como aqui foi brilhantemente preconizado; exemplos de vidas inteiras dedicadas ao serviço da Verdade e a formação integral de homens.

Mas se o estudante necessita de exemplos, cabe-lhe em parte, a ele estimular a multiplicação desses exemplos.

No ensino universitário o estudante estabelece um diálogo com o professor; enquanto este tem de ir ao encontro da mentalidade do aluno ensinando-lhe o que leu e o que investigou e o que aprendeu na sua experiência humana, num esforço sempre renovado de actualização e interesse, aquele deve manter em face do professor e do estudo uma atitude essencialmente activa. Quer dizer que ele será caracterizado pela iniciativa no estudo, pelo livre exercício da sua capacidade de reflexão e crítica, pela dedicação e amor desinteressado à Verdade. Com o seu trabalho pessoal, as dúvidas que põe, o desenvolvimento progressivo da sua capacidade de raciocínio científico e filosófico, o estudante pode e deve ser o estímulo do professor. Este, enquadrado muitas vezes no ritmo demasiado absorvente duma vida profissional extra-universitária, ou tristemente agarrado a uma ciência já ultrapassada, será assim despeitado da excessiva actividade ou apatia para uma integração mais profunda e viva na sua missão de Mestre. E enquanto o estudante se enriquecer no convívio com o Mestre,





haurindo junto de um espírito superior não só ciência mas formação humana, total, cultura, sabedoria, o professor encontrará no aluno o colaborador sempre atento e de sentido crítico apurado que o ajuda na busca persistente e metódica de soluções novas. Assim a Universidade será integralmente um templo da verdade.

Mas o estudante não deve apenas actuar como estímulo de exemplos. Deve ser, ele próprio, um exemplo. Exemplo no nível do seu estudo, na seriedade da sua preparação profissional, na largueza e equilíbrio do seu enriquecimento cultural, na profundidade da formação teocêntrica da sua personalidade. Exemplo no esquema da sua vida, pura, generosa, simples, leal, a vida de um verdadeira intelectual, consciente da responsabilidade que lhe cabe em face de Deus e dos homens. O universitário tem que rejeitar toda a transigência fácil no estudo, tem que cortar de vez com todos os processos pouco legítimos de vencer dificuldades, tem que se ultrapassar a si mesmo no esforço gigantesco de busca da síntese superior do pensamento. Só na medida em que o universitário português passar a viver uma vida nova terá merecido uma Universidade Nova.

Com efeito se a Universidade tem a seu cargo como um dos aspectos inalienáveis da sua missão a formação do mais alto escol nacional e se nessa formação se visa simultaneamente o homem e a sociedade, a repercussão do nosso Congresso não se pode limitar apenas a um desses sectores. Restringi-lo ao indivíduo, deixando-o germinar e frutificar ao sabor das aptidões pessoais sem o correspondente apoio institucional seria continuar com o actual estado de coisas, agravado talvez por uma colisão maior entre os que sabem o que querem e os que nada sabem ou nada querem. Acreditar que seria totalmente eficaz uma reforma de carácter institucional que actuasse de fora para dentro pela imposição rígida da lei parece claramente utópico. Importa que os dois caminhos corram paralelamente de molde a não se limitar a livre iniciativa pessoal pelo zelo excessivo nem a criar clima de correntes reivindicatórias na solução de problemas de tão notável magnitude na economia dos valores nacionais e supra-nacionais.

Como universitários católicos pedimos a Universidade Nova, mas reconhecemos e aceitamos as responsabilidades de ajudar a construir essa Universidade Nova.

**B — Pontos para troca de impressões:**

1) — «Lacunas e insuficiências», há-as com certeza na nossa vida de universitários.

É preciso mudar já, imediatamente, alguma coisa. A Universidade não será um «Templo da Verdade» enquanto usarmos ou admitirmos as cábulas, os empenhos, as fraudes na marcação de presença e de exames, etc., etc. Combater estes males pelo exemplo e pela afirmação de princípios.

2) — Procurar nas matérias do curso, pontos cujo aprofundamento, possa contribuir para uma visão unificadora do mundo. Procurar bibliografia e ..... reservar alguns minutos por dia à sua leitura.

3) — É possível que o Congresso não tenha agradado a todos. A esses não vale a pena falar do nível dos relatos ou do brilho das sessões. Esses só acreditarão quando virem o exemplo da nossa

Fundação Cuidar o Futuro  
 vida cristã autêntica  
 vida moral limpa  
 vida intelectual «universitária»

Urge fazer a revisão do nosso esquema de vida individual; na equipa, na secção.

**2.ª Reunião**

I — Oração do Congresso pela santificação do estudo e dos exames.

II — Avisos.

III — S. Gregório (25 de Maio).

*Meditação* (Evangelho, Oração e Oferatório).

1.ª) — Não sabemos a hora em que Ele virá sobre as aparências duma colega ou doutra pessoa

que exige a entrega dos nossos dons, que vem roubar, a cada uma, o seu próprio «eu».

Se a nossa porta não estiver aberta e a nossa alma vigilante, será arrombada a casa e sacudida a nossa sonolência.

Estar vigilante, é estar desperta e disponível: atenta aos outros e vazia de si. - 2.º) — «Vigiai, portanto, porque não sabeis a que horas há-de vir o Senhor» (Mat. 24, 42-47).

— A comunicar alguma graça especial, ou alguma luz,

a pedir algum trabalho ou sacrifício a permitir a tentação

a exigir um acto explícito de amor a trazer a morte e a Eternidade.

— Para quem vigia, não passa desapercibido nenhum ruído e nenhuma luz.

Para quem espera, têm sentido todos os momentos. E cada um traz em si a esperança de tudo o que espera. Nenhum momento é vazio, nenhum é menos digno de ser vivido. Nenhum merece o desprezo de ser passado, como quem mata o tempo. (Lembrar as férias).

«Bem aventurado aquele servo, a quem o Senhor achar ocupado, quando vier».

«Estai, também, vós preparados, porque na hora em que não sabeis o Filho do Homem há-de vir».

Esperá-IO é desejar a sua vinda e libertarmos-nos de coisas e de afazeres, para O recebermos com toda a alma. É ter n'Ele o pensamento, a imaginação, a sensibilidade. É descobrir nas coisas e nas pessoas que vão passando, sinais de semelhança com Ele. É passar sempre desses prenúncios à esperança cada vez mais forte e mais viva de o ver chegar. É orientar no sentido do seu advento a nossa vida.

«Como servo fiel»

que não amolece com a ausência do Senhor

que não se aborrece à falta de estímulos sensíveis

que não se descuida, mesmo quando não recebe ordens formais

que põe todo o cuidado em realizar os caprichos do Senhor e deseja

vê-IO chegar para lhe dar contas que espera a satisfação do Senhor

como único prémio dos seus esforços

que não tem nenhum interesse fora dos interesses do Senhor e enquadra neles a sua vida.

— Que os dias de banalidades vazias não apaguem em nós a esperança de servir, que as tarefas fáceis não nos embotem o espírito de sacrifício,

Que a derrota não nos leve a alegria.

E, quando alguma coisa nos entusiasma, não nos faça esquecer o que, ainda não chegou.

A Esperança é para os insatisfeitos.

A vigilância é a teimosia de esperar e ser generoso.

Já lá vem um ano novo!

Não pares nem fiques a olhar o que passou. «Marchai firmes, apressai o passo e olhai em frente... as férias? Sim. E os exames de aptidão. E outra vez as caloiras.

— Mal acabou um período de canseiras...

— Acaso envelheceste? Já não te encanta a palavra «começar»? Que fizeste à tua juventude?

Elas vêm chegando e batem à porta da Universidade com uns olhos esgaseados de quem desvenda um reino de mistérios. Trazem a alma cheia de ambições e de sonho.

Para elas há, ainda, novidade e têm juventude.

Afinal, estou a ver-te, outra vez, tentada a usares também a tua e dares-te com entusiasmo — porque a juventude traduz-se em generosidade.

Não tem pedem trabalhos nem tarefas. Pedem-te a amizade forte de quem recebe com a alma aberta. Pedem-te que também tenhas ilusões e esperanças, dúvidas e receios. E querem que desfaças os seus sonhos na realidade da nossa vida.

Pedem-te que as faças velhas... na casa. Mostra-lhes o que há: o bom e o mau.

Mas não tomes o ar de saturada e desiludida. Não lhe robes a mocidade. É preciso que nenhuma delas se ponha diante de si própria na atitude falsa e custosa de quem vai destruir o passado, porque, num curso superior, não tem lugar a rapariguinha que era antes...

Dependem de ti as relações das caloiras com a Universidade. Não te esqueças que, desta vez não vais apresentar a Universidade que te habituaste a ver secum-bir, mas a Universidade que vai nascer.

Diz à caloira o que está mal; mas diz, também, o que já se fez e o que se es-

pera e se prepara. Fala-lhe no Congresso.

Interessa-a nos nossos trabalhos e nos nossos anseios. Fâ-la sentir que, dentro da Universidade ainda se vive e se preparam novas energias vitais.

Que ela não se veja tentada a abafar a sua juventude, antes se decida a harmonizá-la com a juventude dessa Universidade que desperta.

Que ela acredite na Universidade Nova e se dê com entusiasmo à tarefa de a construir.

Como vamos, nós, receber as caloiras da nossa Faculdade?

Que ajuda vamos pedir à JECF para as descobrir e conhecermos? Já combinámos entre nós, militantes, a campanha? Ela começa, já, na primeira época de exames.

Estamos em Férias: tanto melhor. Podemos estar presentes, não como uma presença de corpo morto, mas verdadeiramente presentes, com toda a alma, com

toda a juventude, com toda a nossa força de amizade e de alegria. Estaremos presentes!

#### IV — Campanha de Férias.

##### I — *Ligação da Equipa em Férias:*

- a) — Reuniões
- b) — Carta rolante
- c) — Moradas de Férias — Folha das jucistas

##### II — *Apostolado em Férias:*

- a) — Campo de Férias
- b) — Integração na campanha de Férias da A. C.

##### III — *Valorização pessoal:*

- a) — Primeiro do espiritual
- b) — «Regresso» à família, ao lar
- c) — Programa em que caiba o silêncio, a meditação, e a leitura.



---

## Fundação Cuidar o Futuro

### Notícias do Mundo inteiro

**ÍNDIA** — Vai realizar-se na Índia a primeira Conferência Pan-Asiática dos Estudantes Universitários católicos.

A conferência é patrocinada pela *Pax Romana* e pela Federação dos Estudantes Católicos da Índia.

**BÉLGICA** — Realizou-se na Bélgica o II Congresso da Federação Nacional do Ensino Técnico Católico, a que assistiram entre outras altas individualidades, o Cardeal-Arcebispo de Malines, o Nuncio Apostólico, todo o Episcopado Belga, o Presidente da Câmara dos Deputados e o Ministro da Instrução Pública.

— Nos vossos estudos e nas vossas investigações científicas, estai certos de que entre verdades de fé certas e factos científicos estabelecidos não pode haver contradição. A natureza, como a verdade, vem de Deus, e Deus não pode contradizer-se. Não vos deixeis desconcertar, mesmo se ouvirdes afirmar o contrário com insistência, mesmo que a indagação precise de esperar durante séculos a solução de oposições aparentes entre a ciência e a fé.

(Do discurso de S. S. Pio XII, aos estudantes católicos da Sorbona em 1-4-53)

Quisemos estar presentes no pensamento pela afirmação dos princípios externos, pelo estudo dos problemas básicos da Universidade, pela análise rigorosa da actual situação da Universidade Portuguesa.

Quisemos servir a Igreja pela total submissão à doutrina de Cristo e do seu Vigário na terra, pela inteira subordinação de todos os nossos trabalhos ao único desejo da glória de Deus e do alargamento do Seu Reino na terra.

Estamos convencidos de que com a ajuda de Deus cumprimos um e outro, os imperativos a que nos obrigámos.

## Fundação Cuidar o Futuro

### **FOLHA DA JUCISTA**

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.

Avenida Duque de Loulé, 90-r/c D. — Lisboa

*Comp. e imp. na Tip. das Oficinas de S. José*

Com aprovação Eclesiástica

**PREÇO 1\$50**